

“Eu sou o pão da vida”

Amadas irmãs e amados irmãos em Cristo, que todas e todos vocês estejam em paz!

O primeiro domingo do mês de agosto (5.8.2018) corresponde ao décimo oitavo domingo do Tempo Comum, cuja leitura evangélica, na sequência da apresentada no domingo anterior que nos trouxe para reflexão o episódio da multiplicação dos pães, novamente nos assegura o empenho de Deus em oferecer o alimento que dá vida ao seu povo, vida definitiva, vida eterna. Lembra-nos, Jesus, que a ação divina vai além de saciar a fome física, ela nos oferece o auxílio para nos proporcionar o crescimento, o amadurecimento, a superação do egoísmo, da ganância e do apego, a tomarmos consciência dos verdadeiros valores em nossa vida. A compaixão de Cristo evidenciada no episódio da multiplicação dos pães, saciando, além da fome biológica, a fome de amor, de liberdade, de justiça, de esperança e de paz, dá sequência, no discurso em Cafarnaum, ao Evangelho deste domingo, à sua apresentação como o verdadeiro alimento, como o “pão” da vida que desceu do céu para dar vida ao mundo. Assim sendo, garante a plena e eterna vida àqueles que O seguem, àqueles que “aceitam esse pão”, isto é, aos que escutam as suas palavras, guardando-as no coração, aos que acolhem os seus valores e aderem à sua proposta, transformando-as em ações cotidianas.

Convido a todas e todos a juntos lermos a passagem em tela e sobre ela refletirmos.

24Quando a multidão viu que Jesus não estava ali, nem os seus discípulos, subiu aos barcos e veio para Cafarnaum, à procura de Jesus. 25Encontrando-o do outro lado do mar, disseram-lhe: “Rabi, quando chegaste aqui?” 26Respondeu-lhes Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes. 27Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece para a vida eterna, alimento que o Filho do Homem vos dará, pois Deus, o Pai, o marcou com seu selo” 28Disseram-lhe, então: “Que faremos para trabalhar nas obras de Deus?” 29Respondeu-lhes Jesus: “A obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou”. 30Então lhe perguntaram: “Que sinal realizas, para que vejamos e creiamos em ti? Que obra fazes? 31Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: *Deu-lhes pão do céu a comer”.* 32Respondeu-lhes Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu, mas é meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu; 33porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo”. 34Disseram-lhe: “Senhor, dá-nos sempre deste pão!” 35Jesus lhes disse: “Eu sou” o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede. (Jo 6,24-35)

João nos apresenta em seu Evangelho de hoje um episódio ocorrido em Cafarnaum, “*no dia seguinte*” da multiplicação dos pães e dos peixes. A multidão que tinha sido alimentada pelos pães e peixes multiplicados foi ao encontro de Jesus, logo após perceber o seu regresso a Cafarnaum, do outro lado do lago de onde ocorrera a multiplicação do alimento.

Vejam que após terem se saciado de pão e de peixe, de forma graciosa, aquelas pessoas não poderiam deixar Jesus partir, sem que, por algumas vezes, pelo menos, repetisse o gesto amoroso de alimentá-los. E é questionando essa reação de buscarem meramente o alimento físico que Jesus inicia sua fala, lembrando a todas e todos a verdadeira razão de estarem diante Dele – “*não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes.*”(v. 26) Na verdade, a multidão não procura Jesus, mas sim a solução dos seus problemas materiais.

O Evangelho ora em questão inicia trazendo-nos a fala de Jesus que não se limita à multidão presente naquele episódio, mas atinge todos nós. Levanta o questionamento sobre a razão de irmos ao encontro de Deus, a justificativa de buscarmos a presença divina em nossa vida. Estaríamos nós encantados com possíveis ganhos rotineiros materiais por meio da ação do Senhor, em decorrência de nossos pedidos e de nossa busca? Qual seria a verdadeira razão para desejarmos “seguir” Jesus? Não estaríamos em busca de saciarmos nossa fome material, de suprirmos nossos anseios mundanos?

É importante que, logo de início, antes de continuarmos nossa reflexão, tenhamos consciência real de nossos desejos e de nossos interesses pela busca por Deus. Estaríamos compreendendo a verdadeira amorosidade divina ao nos fornecer o “pão” de cada dia? Estaríamos percebendo que, ao nos “alimentar”, Deus nos ensina sobre o amor, sobre a compaixão, e não sobre a ganância, sobre o apego, sobre a busca incessante dos ganhos materiais?

Se nos recordarmos da multiplicação dos pães, sua origem deu-se pela compaixão e pelo amor de Cristo aos presentes. Ele desejava dar uma lição sobre amor, partilha e serviço. Porém, a multidão, assim como nós em nosso dia-a-dia, não foi sensível ao profundo significado do gesto, apegando-se às aparências, buscando, em seguida, o que Jesus poderia lhe oferecer gratuitamente – pão em abundância –, gerando, então, em sequência, uma procura interesseira e egoísta, absolutamente contrária à mensagem original de Jesus.

Na tentativa de desfazer o equívoco daqueles que por Ele foram alimentados, Jesus dá sequência à sua fala, destacando o que de importante devemos buscar, para que tipo de “alimento” precisamos trabalhar: “*Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece para a vida eterna*” (v. 27).

Lembro-me das palavras de um devoto de Krishna ao dizer:

Como criaturas viventes, somos centelhas pequenas, porém eternas, do ser vivo supremo, apesar de estarmos confinados dentro de corpos materiais, corpos mortais. Não podemos esperar, com bom senso, alcançarmos a felicidade com base em nosso corpo, visto que o corpo certamente ficará doente, velho e, por fim, morrerá. Nosso bem-estar, é claro, só pode repousar no cultivo de nosso eu autêntico e eterno, a alma. Sofremos incessantemente porque nos identificamos com o nosso corpo, o qual é inevitavelmente sitiado pela natureza material. (Ravindra Svarupa Dasa, em “Manifesto por uma Política de Solução Radical”, publicado em Volta ao Supremo)

Dessa forma, ainda para o citado autor, para que possamos garantir o bem mais elevado, devemos ter a clareza do nosso verdadeiro eu, para que tenhamos, de forma plena, a consciência da bem-aventurança.

Não seria esta a verdadeira mensagem inicial de Jesus ao mostrar-nos a razão para segui-Lo? Para que tenhamos a clareza do que é o “*alimento que permanece para a vida eterna*”, não teríamos de compreender nosso verdadeiro eu e sua real necessidade de alimentação, bem distinto deste corpo material perecível e limitado? O pão material que alimenta o corpo físico está ligado apenas ao sustento provisório deste corpo finito, pois somos, de fato, “*seres espirituais em corpos materiais*”.

Como exemplo dessa fala, Jesus compara o alimento dado aos ancestrais do povo presente na travessia do deserto – o maná – que, apesar de ter sido presente de Deus, o foi para sustento do corpo, para os possibilitar, fisicamente, de atravessarem as diversidades da vida, bem diferente do alimento oferecido por Cristo Jesus – o pão da vida.

Demonstram-se, os presentes, confusos com a fala de Jesus, pois seus costumes sempre foram baseados na busca do alimento material, de lutar pela sobrevivência. Demonstram, então, sua dúvida ao questionarem sobre o que fazerem para receber o pão que Jesus lhes oferece. Creio que dúvida idêntica, em diversos momentos de nossa vida, também apresentamos. Devemos, como se lá estivéssemos, ouvir a resposta de Jesus, que também é para cada um de nós: precisamos aderir a Jesus e ao seu projeto. Se nos atentarmos ao episódio da multiplicação dos pães, as pessoas que dela foram beneficiados não aderiram ao projeto de Jesus, baseado no amor, na partilha e no serviço, apenas seguiram o profeta milagreiro que distribuía, gratuitamente, pão e peixes em abundância. Ocorre que, para recebermos o alimento que dá vida eterna e definitiva, faz-se necessário que acolhamos as propostas de Jesus, sua Palavra, sua Verdade, transformando-as em realidade em nosso cotidiano, vivendo o amor verdadeiro, a partilha fraterna e o serviço humilde e desinteressado. Precisamos, assim, além de acolher esse “pão”, interiorizá-lo e torná-lo ação vivida.

Finalizando a passagem em tela, Jesus identifica-se, não apenas como o “portador” do pão da vida, mas como o próprio “pão”, oferecido a todos para saciarem a fome e sede de vida verdadeira, rica e abundante. Comer deste “pão” não significa tão somente intitularmo-nos cristãos, expressarmos ser seguidores de Cristo Jesus, mas se faz necessário que acolhamos sua proposta, assimilando os seus valores e interiorizando a sua forma de viver. Seguir Jesus, e muitos o fazem mesmo sem saber, significa deixar que a sua proposta de vida, após ser acolhida, transforme-se em gestos concretos de amor, de partilha e de serviço.

Permitam-me encerrar esta reflexão trazendo um rico questionamento apresentado pelos Dehonianos Português (Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus):

O caminho que percorremos nesta terra é sempre um caminho marcado pela procura da nossa realização, da nossa felicidade, da vida plena e verdadeira. Temos fome de vida, de amor, de felicidade, de justiça, de paz, de esperança, de transcendência e procuramos, de mil formas, saciar essa fome; mas continuamos sempre insatisfeitos, tropeçando na nossa finitude, em respostas parciais, em tentativas falhadas de realização, em esquemas equívocos, em falsas miragens de felicidade e de realização, em valores efémeros, em propostas que parecem sedutoras mas que só geram escravidão e dependência… Na verdade, o dinheiro, o poder, a realização profissional, o êxito, o reconhecimento social, os prazeres, os amigos são valores efémeros que não chegam para “encher” totalmente a nossa vida e para lhe dar um sentido pleno. Como podemos “encher” a nossa vida e dar-lhe pleno significado? Onde encontrar o “pão” que mata a nossa fome de vida?

A recusa de Jesus em realizar gestos espectaculares mostra que, normalmente, Deus não vem ao encontro do homem para lhe oferecer a sua vida em gestos portentosos, que deixam toda a gente espantada e que testemunham, de forma inequívoca, a sua presença no mundo; (...) Deus vem, todos os dias, ao encontro do homem e, sem forçar nem se impor, (...) ensina-lhe os caminhos do amor, da partilha, do serviço. Convém que nos familiarizemos com os métodos de Deus, para o conseguirmos perceber e encontrar, no caminho da nossa vida.

Um fraterno abraço e que a paz do Senhor esteja sempre na vida de vocês!

Rev. Frei João Milton